



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **JANELAS ABERTAS: PROPOSIÇÕES DA CULTURA VISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Maria Emilia Sardelich; Camylla Ranylly Marques Paiva

Universidade Federal da Paraíba – emilisar@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba – ranylly\_camylla@hotmail.com

### **Resumo**

Este trabalho apresenta um dos projetos de investigação do Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais (GPEAV), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sobre proposições da Cultura Visual na Educação Básica. A pesquisa exploratória, de caráter bibliográfico, analisou projetos de Cultura Visual publicados na Coleção Educação da Cultura Visual, editada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A pesquisa conclui que as proposições da Cultura Visual focalizam a interpretação daquele que vê, os significados construídos por aquele que vê, na medida em que este se relaciona com os artefatos visuais, fala, e é escutado, sobre a relação que estabelece entre aquilo que vê e seu próprio contexto.

**Palavras-chave:** Cultura Visual, Visualidade, Educação Básica.

### **Introdução**

O cotidiano de inúmeras pessoas que vivem no século XXI envolve o uso de vários artefatos visuais. É comum nos depararmos com algum tipo de dispositivo visual para os mais diversos usos nesse dia a dia, seja para a vigilância pública ou privada; para o monitoramento de nossa saúde; para a comunicação com quem está em algum outro lugar que não o mesmo que ocupamos no momento; para a nossa diversão e nossa aprendizagem; para a memória dos momentos de prazer, dor, comoção social e também o registro de qualquer trivialidade. Assim como temos esses inúmeros dispositivos que registram, conseqüentemente, temos outra infinidade de suportes desses registros, as



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mais variadas telas nas quais “andamos de olho”, o que, às vezes, pode até nos levar a não perceber o que está ao nosso lado.

Essa onipresença da imagem no mundo contemporâneo tem atraído diferentes áreas do conhecimento para o seu estudo. Cada uma dessas áreas tem tratado a questão relacionada com a imagem, e a visualidade, de um modo diferente, porém encontramos um campo de estudo, que emerge entre as fronteiras das Artes e Ciências Humanas, que vem sendo denominado de Cultura Visual. Jay (2003) afirma que a publicação do livro *Vision and Visuality (Visão e Visualidade)*, editado pelo historiador da arte Hal Foster, como resultado de um evento organizado pela *Dia Art Foundation*, de Nova York, Estados Unidos, em abril de 1988, apresenta a massa crítica que situou o campo da Cultura Visual e que tornou-se objeto de devoção acadêmica ao longo da década de 1990. Assim como a multiplicação das imagens no mundo contemporâneo cresce exponencialmente, a produção acadêmica sobre a Cultura Visual também é acelerada.

No Brasil, a *Coleção Educação da Cultura Visual*, editada pela Universidade Federal de Santa Maria, a partir de 2009, com a organização de Martins; Tourinho (2014, 2013, 2012, 2011, 2010, 2009) reúne vários pesquisadores brasileiros e estrangeiros desse emergente campo de estudo. Apesar da acelerada produção acadêmica sobre a Educação da Cultura Visual no País, ainda faltam estudos que realizem um balanço sobre o conhecimento produzido. Seria possível reconhecer proposições da Cultura Visual para a mediação pedagógica na Educação Básica?

É a partir desse questionamento que o Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais (GPEAV), do Departamento de Artes Visuais (DAV), em parceria com o Departamento Metodologia da Educação (DME), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vem desenvolvendo pesquisas para traçar uma cartografia da produção acadêmica brasileira sobre a Educação da Cultura Visual, no período de 2005-2015. Os resultados que apresentamos neste artigo focalizam projetos de Cultura Visual, desenvolvidos no âmbito da Educação Básica, que foram publicados na *Coleção Educação da Cultura*



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

*Visual.* A pesquisa exploratória, de caráter bibliográfico, se constitui em um levantamento do conhecimento sobre o tema (FERREIRA, 2002). Pretendemos disseminar o conhecimento produzido no emergente campo da Educação da Cultura Visual entre licenciandos e docentes da Educação Básica. Para alcançarmos esses objetivos apresentamos, a seguir, os conceitos de pedagogia com imagens e pedagogia das imagens; o campo de estudo da cultura visual; projetos de trabalho desenvolvidos na Educação Básica e, por fim as considerações alcançadas.

### **A Pedagogia com Imagens e a Pedagogia das Imagens**

No século XVII, com a preocupação de tornar acessível o conhecimento de tudo a todos, Comênio (1592-1670) recomendava que se ensinasse sempre o nome de um objeto à sua forma ou à sua imagem. Como, na sua época, não existiam livros que apresentassem às crianças as imagens do mundo, ele mesmo elaborou, segundo uma progressão coerente, uma primeira obra ilustrada, única em seu gênero, intitulada *Orbis Sensualium Pictus (Mundo Sensível Ilustrado)*, publicada em 1685, na cidade de Nuremberg. Este é considerado o primeiro livro escolar em que a imagem prevalece sobre o texto como fonte de conhecimento, pois tinha por função substituir os objetos do mundo sensível, os objetos do mundo real, que o professor não podia levar para a sala de aula (CHALMEL, 2004).

As ideias sobre o uso das imagens como ilustração ainda continuam fortemente arraigadas nos currículos escolares. Belloni (2002) denomina de “Pedagogia com Imagens”, ou “Pedagogia com Mídias”, esse tipo de uso da imagem na mediação pedagógica e o diferencia da “Pedagogia da Imagem”, ou “Pedagogia da Mídia”. Na década de 1970, Tardy (1976) já havia sinalizado a diferença entre utilizar a imagem para ilustrar um conteúdo – pedagogia com imagem- da apropriação da linguagem audiovisual de maneira crítica e dialógica para a expressão criativa da subjetividade e sua visão de mundo – pedagogia da imagem. Tardy (1976) advertia que os estudantes da década de 1970 já haviam nascido em um universo invadido pela imagem, por isso



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pertenceriam, na compreensão do autor, a uma civilização icônica, porém os professores desses estudantes não, pois haviam nascido em uma civilização pré-icônica, o que resultaria em um conflito de interesses entre ambos. Quarenta anos depois dessa constatação de Tardy (1976), Prensky (2001) utilizou uma metáfora similar em relação às tecnologias digitais, dividindo o mundo existente entre nativos digitais -os nascidos em contato com a tecnologia digital dos computadores, Internet, *smartphones*, *videogames*- e os imigrantes, os pertencentes ao mundo pré-digital.

Com o rápido desenvolvimento dos sistemas audiovisuais a partir da década de 1970, começou a circular na área de comunicação e artes a expressão leitura de imagens. A imagem passou a ser compreendida como signo<sup>1</sup> que incorpora diversos códigos. Logo, a sua leitura demanda o conhecimento e a compreensão desses códigos. Uma das obras que fundamentou a abordagem da leitura de imagens foi *A Primer of Visual Literacy*<sup>2</sup>, da *designer* Donis Dondis (1924-1984), publicada, em 1973, pelo *Massachusetts Institute of Technology*, nos Estados Unidos. Nessa obra Dondis (1997) afirma que a invenção da câmara fotográfica, e de todas as suas formas paralelas, criou o imperativo do alfabetismo visual universal. Os estudos de Semiótica também colaboraram para disseminar o uso da expressão leitura da imagem introduzindo as noções de denotação e conotação. A denotação refere-se ao significado entendido “objetivamente”, o que “objetivamente” se vê na imagem, a descrição das situações, figuras, pessoas e ou ações em um espaço e tempo determinado. A conotação refere-se às apreciações do intérprete, aquilo que a imagem sugere e ou faz pensar o leitor. Esse modelo vem sendo utilizado por alguns professores que propõem a leitura de imagens da arte e da publicidade.

O filósofo norte americano Douglas Kellner, ligado à teoria crítica da Escola de Frankfurt, como também ao Centro Contemporâneo de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham, Inglaterra, introduziu a palavra “crítica” à expressão leitura de imagens. Para Kellner (1995) qualquer texto cultural, seja verbal ou visual, veiculado na mídia, nos meios de comunicação, está produzido a partir de uma posição, ~~de um ponto de vista relacionado~~ aos embates políticos e sociais do momento histórico

<sup>1</sup> Signo entendido como qualquer coisa que está no lugar de outra coisa e representa algo para alguém.

<sup>2</sup> O título se aproxima de *Uma cartilha de Alfabetização Visual*, porém foi publicado em língua portuguesa como *A Sintaxe da Linguagem Visual*.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

em que foi produzido. Esse posicionamento arrasta consigo “visões”, “representações”, “discursos” que podem levar as pessoas a se identificar, ou não, com as opiniões, atitudes, sentimentos embutidos nos mesmos. Kellner (1995) coloca especial atenção nos produtos culturais veiculados na mídia norte-americana, mas, devido ao alcance dessa produção no mundo contemporâneo, o autor considera que esses estudos podem ser de interesse global e não meramente regional. A expressão “leitura de imagem” tem sido utilizada tanto pela pedagogia com imagens quanto pela pedagogia da imagem. Apesar do uso difundido da expressão, não há consenso entre artistas, nem entre educadores, em como se realiza essa leitura, nem em relação às finalidades da mesma. A partir da década de 1990 começou a circular no âmbito da História da Arte, Comunicação e Educação a expressão Cultura Visual que ampliou a discussão sobre o papel da imagem nos processos de simbolização e produção do conhecimento.

### **A Cultura Visual**

Como campo emergente de estudo em construção, há muitas divergências entre os estudiosos da Cultura Visual, tanto na delimitação do mesmo quanto no seu objeto de estudo. Apesar da tensão existente entre a recusa de se estabelecer fronteiras ao campo e o interesse em diferenciá-lo, é possível delinear alguns marcos de referência.

Na linguagem comum do cotidiano utilizamos o vocábulo visual e visualidade como sendo aquilo que vemos e tudo aquilo que é visível. No âmbito da optometria, a vista -o olho, o órgão da visão- é a habilidade para ver algo e a visão a capacidade para compreender o que vemos. A visão implica captar a informação visual, processá-la e dar um significado a essa informação. Por isso a visão é um processo dinâmico, de organização, interpretação e compreensão do que vemos e que está em constante transformação (GIMÉNEZ, 2008). Isso quer dizer que nascemos com a vista, porém a visão é aprendida. Nesse entendimento o significado não está no objeto que se vê, mas é na relação com o que vemos que construímos o significado do que foi visto. Berger (1999) observa que aquilo que sabemos ou acreditamos afeta nosso modo de ver as



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

coisas. O autor conjectura que na Idade Média, quando se acreditava na existência física do inferno, é bem provável que a visão do fogo significasse algo muito diferente do que pode significar hoje, como também a própria concepção do inferno dependia da visão do fogo que consome a carne, da noção de dor das queimaduras e das cinzas que permanecem. Isso quer dizer que nós também vemos com a visão daqueles com quem convivemos e nos ensinam a ver, o que implica ir muito além da nossa própria vista.

É o conceito de visualidade, como modos de ver, que vai articular a Cultura Visual como campo de estudo próprio. A Cultura Visual se diferencia da História da Arte por compreender que a visão não é um dado natural e, também, questionar a universalidade da experiência visual. Por isso, a Cultura Visual admite a especificidade cultural dos modos de ver em tempos e espaços que devem ser contextualizados. A tradição disciplinar da História da Arte Ocidental tem privilegiado o que se vê, o objeto, e o produtor do objeto visto, por meio de uma visão disciplinadora. Hernández (2011) destaca que a tradição ocidental sobre a arte e as imagens privilegiou o objeto e o produtor do objeto como um criador individual. Nesse entendimento nossa visão se dirige para o que é visto e tratado como uma espécie de enigma a ser decifrado com o auxílio da disciplina História da Arte. Nessa tradição tanto a escola como o museu são lugares que disciplinam a visão para ver o que deve ser visto. Essa visão disciplinada e disciplinadora não se pergunta sobre o efeito que aquilo que é visto tem em quem vê. Em relação ao efeito, Hernandez (2011) destaca que, para além do efeito emocional ou evocativo, podemos indagar sobre o efeito posicional e subjetivador.

Consideramos que o diferencial da Cultura Visual, em relação a outras propostas para o trabalho com as imagens, sejam da arte ou não, é focalizar a interpretação daquele que vê e não o objeto que é visto, nem o produtor desse objeto. A Cultura Visual privilegia a interpretação daquele que vê, os significados que aquele que vê constrói na medida em que se relaciona com os artefatos visuais, fala e é escutado, sobre a relação que estabelece entre aquilo que vê e seu próprio contexto. Mais do que pensar em representações e artefatos, a Cultura Visual explora os discursos sobre os quais as



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

representações constroem relatos do mundo que habitamos e favorecem determinadas visões sobre o mundo e nós mesmos. Por essa razão, questiona a tentativa de fixar significados nas representações e como isso pode afetar nossas vidas. Também discute as relações de poder que se produzem e se articulam por meio das representações e que podem ser reforçadas pelos modos de ver e produzir essas representações. Por isso, os educadores que se identificam com a abordagem da Cultura Visual estão atentos às imagens que estão nas camisetas, nos celulares, nas pastas e cadernos dos educandos; os programas de televisão a que assistem; as séries que perseguem e estendem seus enredos; dos jogos preferidos; das revistas que leem; suas roupas; grupos musicais e outros objetos de culto.

### **Projetos de Cultura Visual**

Neste tópico apresentamos as narrativas referentes aos projetos de trabalho desenvolvidos com estudantes das escolas de Educação Básica, publicados na *Coleção Educação da Cultura Visual*, organizada por Martins; Tourinho (2013, 2009). Justificamos esse recorte pelo fato de pretendermos disseminar esse conhecimento entre licenciandos e professores de Educação Básica. No estudo desses projetos não pretendemos definir um encadeamento de procedimentos, nem sequer encontrar “o caminho” para desenvolver projetos de Cultura Visual. Consideramos que a Cultura Visual abarca muito mais que um campo de estudo, pois se caracteriza como uma “metodologia viva”, “uma atitude intelectual, uma sensibilidade que nomeia uma problemática” (HERNANDEZ, 2013), logo os procedimentos estarão sujeitos ao contexto que deflagrar o projeto. Por isso nossa intenção é compartilhar a reflexão desses pesquisadores e avistar possibilidades de aventurar-nos nessas experiências de pensar as visualidades no espaço escolar.

Analisamos as narrativas referentes a oito projetos de trabalho: Arantes (2009), Alves; Andrade (2013), Nascimento (2009), Pereira; Martins (2009), Pla (2013), Tavin (2009), e Ucker (2009). Arantes (2009) trabalhou, em uma escola pública do Brasil, com



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

estudantes do Ensino Fundamental, com idades entre 14 e 15 anos buscando compreender, a partir das perspectivas dos discentes, como se davam as suas relações com e dentro da escola, como também o que a escola representava para eles. Utilizou o cinema como artefato visual para, a partir deste, problematizar as noções naturalizadas de “aluno” e encorajar esses estudantes a contar suas histórias a partir das relações que estabeleceram com os filmes. Alves; Andrade (2013) utilizaram o artefato visual do vídeo para que discentes e docentes de uma escola de Educação Básica, do Rio de Janeiro, produzissem suas próprias histórias. Nesse projeto, discentes e docentes produziram três curtas-metragens: o primeiro sobre como entendem a escola; o segundo como a apropriação do conhecimento também forma nossa subjetividade e o terceiro sobre a história da própria escola. Nascimento (2009) relata um projeto realizado com estudantes do Ensino Fundamental, de uma escola pública de João Pessoa que, a partir do conteúdo de arte na antiguidade egípcia, buscaram elementos dessa produção artística na contemporaneidade. Esses estudantes investigaram os túmulos de um cemitério da cidade, compreendendo como nesse espaço também se manifestam diferenças, não somente religiosas, mas também de classe. Pereira; Martins (2009) trabalharam com estudantes do Ensino Fundamental a partir dos desenhos pedagógicos e cartazes, de uma escola ribeirinha do Distrito de Igarapé da Fortaleza, Macapá. Para esses autores os desenhos pedagógicos e cartazes da escola são cúmplices de uma narrativa educacional dominante, que sistematicamente normaliza as relações sociais, subjetividades e identidades, cujo principal objetivo é o adestramento dos excluídos ao destino da exclusão. Para os autores, os desenhos pedagógicos e os cartazes dessa escola carregam mensagens de felicidade, dirigindo os olhares dos estudantes para uma suposta felicidade, que conforma um estilo de vida resignado, normalizado, naturalizado, dócil, para desviar a visão desses estudantes das desigualdades étnicas, sociais, econômicas do contexto em que vivem. Os autores destacam que os discentes desejam se identificar com as mensagens de felicidade e alegria presentes nos desenhos pedagógicos e cartazes dessa escola para serem socialmente aceitos. Pla (2013) trabalha a partir de vários artefatos visuais -imagens de revistas, fotografias pessoais, colagens-



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

para que estudantes do Ensino Médio, de uma escola espanhola, desenvolvam projetos em torno de seus imaginários visuais. O autor esclarece que a noção de imaginário visual é mais ampla que o repertório de imagens com os quais os estudantes se relacionam, pois além das imagens também abarca o conjunto de visões, comportamentos e valores que conformam a identidade social e cultural. Tavin (2009) também trabalhou com estudantes do Ensino Médio, de uma escola dos Estados Unidos, um projeto que denominou construção de presidentes. Seu objetivo foi interpretar formas contemporâneas de Cultura Visual que empregam significantes associados a mensagens políticas nas campanhas para presidente dos Estados Unidos, com a finalidade de que os estudantes compreendam como a Cultura Visual ajuda a construir sentidos, e como ela atua como um catalisador para determinadas ações. O projeto de Ucker (2009) também se dirigiu aos estudantes do Ensino Médio, de uma escola pública de Goiânia, estado de Goiás. Esse projeto teve por objetivo analisar como esses discentes percebem, representam e imaginam suas escolas. A autora concluiu que a conscientização acerca de atitudes e comportamentos na escola pela escola, criou um tipo de percepção que parece mostrar aos estudantes possibilidades de transformação, a colaboração como um caminho para refazer a escola como um espaço de lugares onde a vida vive e busca ser vivida com mais intensidade.

A análise desses projetos revelou alguns pontos em comum entre eles. Esses projetos não propõem aprender um meio, uma técnica, mesmo que isso possa acontecer em alguns destes. Todos trabalham com problemas, questões, que surgem a partir das imagens, sejam imagens da arte ou não. Discutem estereótipos, não só de classe social ou gênero, mas, sobretudo noções estereotipadas sobre o próprio processo pedagógico. O ponto em comum de todos esses projetos de Cultura Visual é a característica da flexibilidade, tanto de discentes como de docentes voltando-se para si mesmos na tentativa de compreenderem seus contextos, como também seus posicionamentos nesses contextos.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

### **Considerações alcançadas**

A partir do exposto podemos concluir que os projetos de Cultura Visual propõem um trabalho muito mais amplo que os consagrados à leitura de imagem. Essa amplitude não é consequência da inclusão de imagens da mídia e ou do cotidiano, nem sequer de uma celebração das imagens consumidas pelos estudantes, mas resulta de um posicionamento pedagógico que prioriza quem vê, a subjetividade que se relaciona com a imagem, aberta a outras interpretações e modos de ver e pensar. Esse posicionamento pedagógico explicita o poder das imagens compreendendo que toda e qualquer imagem, inclusive as eleitas para a mediação pedagógica, também são produzidas a partir de uma visão que, conseqüentemente, coloca o discente em uma determinada posição. Desse modo, o que importa não é a imagem, pois nenhuma imagem aliena ou empodera por si mesma, apesar da intencionalidade do produtor da imagem, mas é a ação das pessoas, o que elas fazem com e a partir das imagens para suas próprias vidas. É um posicionamento pedagógico que fomenta oportunidades de interpretação, chances para discentes e docentes construir outra narrativa, outro modo de se colocar diante das imagens, em seu contexto, seu mundo. Trabalhar com a Cultura Visual implica entrever brechas para além das interpretações já existentes. Interpretações que tentam, de um modo ou outro, fixar determinados significados. Por isso mesmo esse posicionamento pedagógico necessita de cuidado e atenção, para que o trabalho em torno dos imaginários visuais dos discentes não se comprometa com o olhar regulador e disciplinador do aparato escolar.

### **REFERÊNCIAS**

ALVES, Nilda; ANDRADE, Nívea. Histórias possíveis entre imagens: conhecimentos e significações na produção de vídeos em escolas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013. p. 135-151.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- ARANTES, Kelly Christina Mendes. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) *Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009. p. 17-38
- BELLONI, Maria Luiza. (Org.). *A formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- CHALMEL, Loic. Imagens de crianças e crianças nas imagens: representações da infância na iconografia pedagógica nos séculos XVII e XVIII. *Educação e Sociedade*, v. 25, n. 86, abr. 2004.
- DONDIS, D. *A Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas estado da arte. *Educação & Sociedade*, n. 79, p. 257-272, Agosto/2002.
- GIMÉNEZ, María Pilar Vergara. *Tanta inteligencia, tan poco rendimiento: ¿podría ser la visión la clave para desbloquear su aprendizaje?* Madrid: Edit. Pilar Vergara, 2008.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.p. 77-95.
- HERNANDEZ, Fernando. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011. p.. 31-50.
- JAY, Martin. Relativismo Cultural e a Virada Visual. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 10/11, p. 14 - 28, 2003.
- KELLNER, D. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, T. T. (org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.104-31.
- LOCKE, John. Alguns pensamentos acerca da educação. *Cadernos de Educação*. Fae/UFPel, Pelotas, n. 13, pp. 147 – 171, ago./dez. 1999.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Pedagogias Culturais*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2014.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Processos e Práticas na Pesquisa em Cultura Visual & Educação*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Culturas das Imagens*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Cultura Visual e Infância*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Narrativas de Ensino e Pesquisa na Educação da Cultura Visual*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Representações da morte para aproximar a escola da vida: uma experiência com a cultura visual no Ensino Básico. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) *Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009. p. 39-78.

PEREIRA, Alexandre; MARTINS, Raimundo. Sintam-se felizes em nosso ambiente escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) *Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009. p. 61-78

PLA, Alfred Porres. Conversações na aula de cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013. p. 153-180.

PRENSKY, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants*. MCB University Press, 2001.

TAVIN, Kevin. Contextualizando visualidades no cotidiano: problemas e possibilidades do ensino da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) *Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009. p. 225-239.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

UCKER, Lilian. Entre o real e o imaginado: desenhos de espaços escolares. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) *Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009. p. 79-100.